

AOS PÉS DA SERRA DA TORMENTA

Visitei a cidade de Carmo do Rio Claro, localizada a uns 170 km de Franca, para reencontrar queridos e velhos amigos arquitetos (Ozório e Normando), naquela pequena cidade mineira localizada às margens do lago de Furnas e no sopé da serra da Tormenta, cujo cume está a 1.287 m de altitude. Sua imponência e beleza dominam a região, base para voos de asa delta em campeonatos, essa invenção de gente corajosa ou amalucada, depende de quem olha, mas é sempre gente que adora adrenalina.

Nessas visitas nada protocolares, o que se faz mais é engordar. Depois da visita ao centro histórico e algumas belas construções, inclusive o bem montado museu local, são comidinhas e doces para lá e para cá, levas de ora pro nobis, receitas infalíveis para fogão a lenha, sem contar que o Ozório montou um negócio de comida no lugar, então haja caloria para queimar depois, é verdade que quase sempre deixamos para depois.

Foi pensando nisso que, naquele domingo ensolarado e de constante vento frio que eu e Atalie enfrentamos a pé o desafio de subir a serra da Tormenta para ver o maravilhoso visual do lugar, que abarca quilômetros e quilômetros de distância Minas Gerais adentro, cujas imagens compartilho com os leitores. Conseguimos fôlego e energia para chegar até a metade do desafio, o resto não foi possível até mesmo por causa do pouco tempo disponível e também da contagem da queima do número de calorias adquiridas. É também verdade que a respiração e as pernas dos velinhos não davam conta de subir mais, a subida a pé da montanha é mesmo para gente treinada no Nepal. Foi uma daquelas experiências mágicas, de silêncio, imersão na natureza e concentração no esforço, mas que valem a pena. A paisagem descortinada é mesmo deslumbrante.

Mas para um arquiteto, olhar a cidade é sempre um exercício inato. A cidade cresceu bastante nos últimos anos, o que pode ser constatado do alto da serra: novos loteamentos que ocupam as encostas íngremes do sítio urbano vão se espalhando, daquele jeito que conhecemos bem nas cidades brasileiras: sem muito cuidado ambiental e planejamento urbano adequado. Um dos córregos que corta o centro da cidade estava assoreado pela areia vinda aos magotes de um novo empreendimento imobiliário.

Alguns dizem que é o preço do progresso, mas pequenas cidades deveriam estar a salvo desta ânsia, desta gula por “novos negócios imobiliários” que nem sempre trazem o verdadeiro progresso às comunidades locais. Apesar disso, visitar o Carmo do Rio Claro continua sendo um passeio atraente, pela paisagem natural e pelos amigos que temos lá.

Mauro Ferreira é arquiteto